

# A BANALIDADE DO BEM: REFORMA DA VIDA E REGENERAÇÃO DO HUMANO

Edgard de Assis Carvalho<sup>1</sup>

*O caráter de um homem é seu destino.*

*Heráclito*

*Complexificar é tentar ver não apenas o jogo múltiplo das interações, imbricações e retroações, mas também os aspectos opostos de um mesmo fenômeno.*

*Edgar Morin*

*Aos jovens, eu digo: vocês encontrarão situações concretas que os levarão a praticar ações cidadãs fortes. Procurem, e encontrarão!*

*Stéphane Hessel*

Na modernidade líquida do capitalismo globalizado, a cultura se debate entre pressões locais e injunções universais. As primeiras dizem respeito a um estilo próprio de sociedades históricas, as segundas obedecem à pressão da uniformização estéril da imitação e da prescrição dos padrões vigentes da acumulação e da reprodução. O diálogo e a colaboração interculturais só se efetivarão se o entrelaçamento entre local e universal for capaz de se processar sem traumas ou intolerâncias. Muitas vezes, entretanto, revoltas e indignações são imperiosas. É verdade que podem paralisar sujeitos e coletividades, mas também impulsioná-los para novas reorganizações cognitivas, políticas, psíquicas, amorosas.

A indiferença diante dos flagelos do mundo paralisa as coletividades. Único redator ainda vivo da declaração universal dos direitos do homem de 1948, Stéphane Hessel, de 93 anos, diplomata, sobrevivente do holocausto, produziu um ensaio de trinta e seis páginas<sup>2</sup> cujo vigor traduz a necessidade de uma insurreição pacífica que possibilite a construção de uma via para o

---

<sup>1</sup> professor titular de Antropologia da Faculdade de Ciências Sociais, coordenador do núcleo de estudos da complexidade e do comitê de ética em pesquisa da PUC de São Paulo. Coordenador brasileiro da cátedra itinerante UNESCO Edgar Morin.

<sup>2</sup> Stéphane Hessel. *Indignai-vos!*; tradução Marli Peres. São Paulo: Leya, 2011.

futuro. Para isso, o pensamento produtivista do Ocidente deve ser posto em questão. O que deve prevalecer agora, Hessel reitera, é a “preocupação com a ética, a justiça, o equilíbrio sustentável. Porque os mais graves riscos nos ameaçam. Podem pôr um termo à aventura humana num planeta ameaçado de se tornar insustentável.”<sup>3</sup>

Necessitamos de um pensamento que se contraponha à hegemonia do quadrimotor ciência-técnica-indústria-estado. A recente proposta de Edgar Morin de um pensamento do Sul caminha nessa direção. O Sul não é uma noção geográfica, isso porque existem vários suís e vários nortes. Contém um conjunto de formas de viver cujas qualidades, virtudes, habilidades devem ser propagadas, preservadas, salvaguardadas, mesmo que permaneçam ignoradas ou vilipendiadas pelo pensamento dominante do Norte, baseado no cálculo das corporações, nos protocolos de hierarquia, nos rituais de poder, na mercantilização de homens, palavras, coisas. Esse pensamento, reitera Morin, “deveria apto para enfrentar as complexidades de nossas vidas, a complexidade das realidades humanas e da “insustentável complexidade” do mundo”.<sup>4</sup> Sem perder suas características particulares, as heranças culturais devem ser misturadas em prol de um universalismo polifônico capaz de restaurar valores universais comuns a todos. “A missão do pensamento do Sul seria, então, restaurar o concreto, a existência, o que existe de afetivo em nossa vida. Restaurar o singular, não dissolvê-lo num universal abstrato, mas integrá-lo no universal concreto.”<sup>5</sup>

Seria imperioso reconhecer que estamos diante de uma *arborescência universal dos acontecimentos*, uma expressão utilizada por Michel Serres<sup>6</sup>, para definir a matriz em que os fenômenos da vida se processam. A física da Terra produziu extinções, mas também emergências de espécies vivas, como se causas locais e efeitos universais, causas físicas e efeitos biológicos, causas naturais e efeitos culturais estivessem inextricavelmente ligados. Irreversíveis, os trajetos evolucionários são constantemente marcados por avanços, recuos, emergências, bifurcações.

Conduzidos pelas luzes da razão, da racionalidade, do racionalismo, da racionalização, os saberes cognitivos foram capturados pela disciplinaridade e pela bipolaridade entre a cultura científica e a cultura das humanidades. A transdisciplinaridade requerida pela complexidade vai além das disciplinas sem negá-las. O conhecimento disciplinar é relevante, prioritário mesmo, mas precisa ser inserido em feixes interpretativos mais amplos. Esse meta ponto de vista não diaboliza as especialidades e, muito menos, abdica do lado analítico que envolve o processo do conhecimento.

---

<sup>3</sup> Stéphane Hessel, op. cit., p. 34.

<sup>4</sup> Edgar Morin. Para um pensamento do Sul. Em *Anais do Encontro Internacional para um pensamento do Sul*; tradução Edgard de Assis Carvalho, Rio de Janeiro: SESC, Departamento Nacional, 2011, p. 26

<sup>5</sup> Edgar Morin. Para um pensamento do Sul, op. cit., pp. 27/28.

<sup>6</sup> Michel Serres. *Ramos*; tradução Edgard de Assis Carvalho, Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

É preciso, porém, ir além dele, e assumir que o todo não existe sem a parte e nem a parte sem o todo, pressuposto formulado com precisão por Blaise Pascal. “Sendo as coisas causadas e causantes, ajudadas e ajudantes, mediatas e imediatas, e todas se mantendo por um laço natural e insensível que liga as mais afastadas e as mais diferentes, tenho como impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, assim como conhecer o todo sem conhecer particularmente as partes.”<sup>7</sup>

Assumir esse pensamento implica reiterar o caráter simultaneamente contínuo e descontínuo entre o humano e o pré-humano, entre natureza e cultura precisa. Esse é um dos principais que o pensamento complexo tem pela frente. Entenda-se por complexidade uma modalidade cognitiva que liga o separado, contextualiza o descontextualizado, entrelaça o desentrelaçado, tece o conjunto.

O mundo vivo é envolvido num circuito tetralógico constituído por ordens, desordens, interações e reorganizações que se retroalimentam a todo tempo. A cultura não é uma segunda natureza criada pelos humanos para domar o indomável. Cultura é natureza e, ao mesmo tempo, natureza é cultura. Cultura é um processo multimilenar construído por humanos de todos os tempos e lugares e não um gerenciamento ou administração de probabilidades bem-sucedidas. Por isso, é, ao mesmo tempo, universal e particular, global e local, nacional e transnacional. A separação entre cultura erudito e popular, tradicional e massiva é um efeito da bipolaridade delirante que assola o dispositivo interpretativo cartesiano do *penso, logo existo*. Cultura é uma bio-eco-organização sistêmica que entrelaça regulações e ordenamentos, mas também seleções e trocas. Esse circuito recursivo é um sistema aberto e dinâmico, uma espiral que restaura e renova a natureza viva.

Imerso historicamente em redes policêntricas, abertas, difusas, desterritorializadas que se reorganizam por toda parte, o sujeito passa a se perceber como solitário e comunitário, depressivo e melancólico, local e global. É necessário, entretanto, que entenda os mistérios sentido da vida, da morte, do sonho, do delírio. Munido dessa força pulsional e psíquica torna-se capaz de resistir à barbárie, à agonia planetária, à fragmentação dos saberes, à hegemonia das esferas técnicas que comandam os dispositivos do poder.

Essa abertura bioantropossociológica expressa a marca indelével do inacabamento. Requer um retorno à origem, ao primordial, ao arquetípico, aos fundamentos perdidos nas brumas da historialidade. Conhecer é, antes de mais nada, computar e essa computação é efetivada por meio de imbricamentos dos itinerários racional-lógico-dedutivo e simbólico-mítico-imaginário, ambos regidos por relações de complementaridade, antagonismo, concorrência. É assim que a inteligência humana se organiza, a cognição se estrutura, a consciência se forma.

---

<sup>7</sup> Blaise Pascal. *Pensamentos*; tradução Mario Laranjeira. São Paulo, Martins Fontes, 2005, seção XV, Papéis classificados, Transição, p. 84.

Quaisquer que sejam, cognitivos inclusive, os ecossistemas comportam acontecimentos aleatórios, desordenados e ambíguos para o observador. Os conhecimentos vivem sempre no limite de sua própria destruição. Causalidades e determinismos não foram e nem serão extintos, mas devem ser colocados entre parêntesis e, portanto, não serem tomados como caminho de mão única, responsável pela criação e deflagração dos processos cognitivos, técnicos, ecológicos.

Mundializada e midiaticizada, a hipertécnica redundou em arrogância, excitação, sensorialidade, tédio. A reeducação do indivíduo fraterno, amoroso, solidário converte-se em base da ação educativa e vai na contramão de um certo ateísmo da indiferença que se instalou nos intramuros da polis. Basta lembrar o sentido do *Emílio* de Jean-Jacques Rousseau. Educar, afirmou Rousseau, é ensinar a viver.

A complexidade pensa necessariamente com a contradição e, também, contra ela. A incerteza da contradição e a contradição da incerteza são vitais para a criatividade e a invenção. O maior problema das noologias reside na consolidação paradigmática. Há dois paradigmas básicos: o da disjunção que polariza homem e natureza, razão e desrazão, e o da conjunção que prega religa cérebro e mente, psique e imaginação, desejo e recalque.

Hegemônica, a cultura ocidental cindiu sujeito e objeto, alma e corpo, espírito e matéria, qualidade e quantidade, liberdade e determinismo, existência e essência. O pensamento complexo é um estilo de pensamento que questiona essas dualidades e as coloca em circuito, em movimento fluente, redirecionando, assim, o sentido das aprendizagens, das tecnologias sociais, das ações políticas.

A audácia, a criatividade, a revolta, a indignação devem reger o cotidiano das sociedades cosmopolitas. Assumi-las como prática biopolítica implica reconhecer a potencialidade dos enfrentamentos das contradições da idade de ferro planetária, admitir que a colaboração e o diálogo culturais podem ser vias para a construção da paz, da solidariedade, da política de civilização, da regeneração da democracia.

É necessário retornar ao homem genérico. Construída por Marx, a noção é desprovida de subjetividade, emoção, amor, loucura, poesia, pois o *homo faber*, fabricante das técnicas e inventor da dominação incontrolada da natureza, ainda permanece como um destemido gerenciador dos ecossistemas naturais, responsável pela construção racional de uma segunda natureza. A natureza é sempre primeira, primordial, obra-prima da evolução da vida. Não se trata de destituir Marx, mas inseri-lo nos circuitos da modernidade líquida que requerem atores globais capazes de responder às crises da mundialização.

Reciclado e regenerado, esse homem genérico passa, então, a perceber que sua dissociação constitui um problema vital e, que, constantemente, se vê às voltas com os confortos da repetição, os desafios da criatividade, os sentimentos de comunidade. Esse novo sentido tornará possível pôr em exercício uma reforma interior, subjetiva, que possibilite habitar

poeticamente a Terra. Cedo ou tarde, teremos de assumir o destino trágico do *sapiens-demens* e perseguir uma trajetória hominescente, um diferencial da humanização que garanta a sustentabilidade e a biodiversidade planetárias. A tecnosfera, a socioesfera, a ecoesfera são circuitos indissociáveis cuja totalização jamais se resume à mera soma das partes.

Se é forçoso reconhecer que as biotecnologias decifradoras de genomas mudam nossas relações com a duração, bombas atômicas e guerras alteram nossas relações com a morte. Nunca dispusemos de tantos meios para melhorar o mundo, e mesmo assim não o fazemos. Nossos poderes mudaram de escala. Devemos agora pensar global e agir local.

Onipotentes e inconscientes de nossa fragilidade, devastamos os ecossistemas de tal maneira que hoje, na primeira década do século 21, com sete bilhões de humanos sobre a face da Terra, vivemos sem garantias futuras de usufruir de águas e terras, a não ser que uma política preservacionista e sustentável circunde as tecnologias sociais. Trata-se de buscar uma hominescência, neologismo criado por Michel Serres<sup>8</sup> para designar um diferencial do processo de hominização, um princípio-esperança diante da iminência da guerra total de todos contra todos. Respostas para as questões tais como *Para onde vamos?* e *Para onde queremos ir? Que vias regeneradoras deverão ser acionadas?* deixam de ser especulações filosóficas adjetivas e traduzem a indignação de todos.

Crises<sup>9</sup> são identificadas por toda parte: agricultura, transportes, saúde, demografia – somos sete bilhões de humanos desde novembro deste ano de 2011 -, conexões em rede que incluem de um lado e excluem de outro, conflitos tanáticos de caráter etnorreligioso e etnopolítico, nos quais a pulsão de morte se sobrepõe à pulsão de vida e o princípio do prazer vence o princípio da realidade.

Oriunda do grego *crinô*, a palavra implica algum tipo de julgamento, de cesura, de opção: as crises do corpo, da sociedade, da mídia envolvem, porém, a possibilidade de criar e inventar uma nova existência que contemple a totalidade do estado global contemporâneo. Para Serres, a criação desses novos sentidos daria o tom de uma autêntica democracia participativa. Adoraria escrever, reitera Serres, “narrativas, canções, poemas, com o objetivo de encorajar todos os humanos a intervir em quaisquer temas públicos.”<sup>10</sup>

Biogéia foi o nome dado por Michel Serres a essa complexidade que envolve a água, o fogo, a terra, a flora, a fauna e a totalidade dos seres vivos. Os representantes desse parlamento transacional - imaginário por enquanto – teriam de elaborar necessariamente uma crítica do cogito cartesiano, do *eu penso*, e sua substituição pelo *eu desejo*. Desejo esse que comporta fluxos e

---

<sup>8</sup> Michel Serres. *Hominescências, o começo de uma outra humanidade*; tradução Edgard de Assis Carvalho, Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

<sup>9</sup> Michel Serres. *Temps de crises*. Paris: Le Pommier, 2010.

<sup>10</sup> Michel Serres, *Temps de crises*, op. cit., p. 75.

emergências a todo tempo, que exige pensadores que não se preocupem unicamente com a fabricação de expertises disciplinares eficientes.

Se o logos da ciência sempre se nutriu de um centro, as ecociências terão pela frente o desafio de reinventar uma metatransdisciplinaridade acêntrica, uma ecologia transversal de saberes que regenere o sujeito e proponha vias para o futuro planetário. Em meio a um corpus mundial digitalizado, ávido de conectividades sem corpo, um sujeito hominescente, doce, ético, generoso, concentraria suas energias na imbricação da razão e da emoção, do corpo e da mente, no reconhecimento e equidade de todos os domínios da vida.

Lutar pelo reconhecimento implica superar as reivindicações da identidade que sempre redundam em intolerâncias étnicas, narcisismos comunitários, relativismos ressentidos. Implica, também, entender o sentido do contemporâneo. Coube a Giorgio Agamben<sup>11</sup> defini-lo de modo superlativo. Contemporâneo, ele afirmou, é o indivíduo que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele enxergar não apenas luzes, mas também as sombras e escuridões. “A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias.”<sup>12</sup>

Não se trata de diabolizar o conhecimento racional e a tecnociência, mas aguçar os sentidos perceptivos na direção de uma dinâmica da sensibilidade que os recoloca em seu devido lugar, entre parêntesis. Ao lado das apregoadas certezas e performances da ciência, existem decifrações simbólicas e imaginais que sempre escapam à racionalidade e ao racionalismo dos sujeitos da enunciação iluminados por supostos saberes.

Esse escuro do presente, como propõe Abamben, lê a história do mundo de maneira não linear. O contemporâneo não é um corpo rígido, mas um todo fraturado, restos calcinados que se recompõem incessantemente. Esse processo de resiliência tem como base o tempo do indivíduo composto por um protoself, um self central e um self autobiográfico, o tempo coletivo formado pelo mosaico das culturas, das sociedades e de todas as espécies vivas e um prototempo cujo caráter arcaico e arquetípico conforma a memória coletiva das espécies.

Face aos fenômenos extremos que nos circundam, a única imortalidade que conta, afirma Tzvetan Todorov<sup>13</sup>, é aquela que entende que os outros vivem em nós, assim como nós vivemos nos outros. Somos seres da falta: imperfeitos, frágeis, concessivos, cometemos erros por vezes irreparáveis. Precisamos extrair as consequências dessa constatação que reposiciona a questão da alteridade e, assim, perceber que o inferno não são os outros, mas nós mesmos.

Trata-se um dilema ontológico de amplas dimensões, incapaz de ser dimensionado apenas pela ciência. Ítalo Calvino incumbiu-se de fazê-lo em suas *Cidades Invisíveis*. Incumbido

---

<sup>11</sup> Giorgio Agamben. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*; tradução Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

<sup>12</sup> Giorgio Abamben, op. cit., p. 59.

<sup>13</sup> Tzvetan Todorov. *La signature humaine. Essais 1983-2008*. Paris, Seuil, 2009.

pelo Grande Khan de descrever as cidades pelas quais passava, Marco Polo relatou o que vira na cidade imaginária de Marósia: “ocorre também que, margeando os sólidos muros de Marósia, quando menos se espera se vislumbra uma cidade diferente, que desaparece um instante depois.”<sup>14</sup>

A passividade resignada só atende aos donos do poder. Precisamos defender a dignidade a qualquer preço. Por isso, mais do que um sintoma, a indignação é pulsão de vida direcionada para o bem-viver. Não é apenas nos campos totalitários que a encarnação do mal se torna visível. Ela está aqui e agora no mundo intersubjetivo, impregna a cultura, o poder, a política, a tecnociência, a ecologia, o *anthropos*. A banalidade do mal precisa ser convertida na banalidade do bem requerida pela política de civilização.

Esse desejo de humanidade envolve uma ética da virtude que redefine a tríade indivíduo-sociedade-espécie, criando circuitos de empatia e projetos hominescentes que transcendem a máquina de guerra instaurada pelo quadrinômio ciência-técnica-indústria-estado, cujos circuitos mundializados de disseminação são visíveis por toda parte. “O indivíduo realizado é aquele que transforma em sucesso o precário projeto de ser humano. No fim das contas, a ética diz respeito a saber viver de forma prazerosa e farta, e não a uma fidelidade à lei ou ao desejo.”<sup>15</sup>

Viver eticamente implica articular a ética de si, a ética da sociedade, a ética da natureza. Essa tripolaridade pode alicerçar a construção de vias regeneradoras que, por sua vez, confluirão para uma Via voltada ao futuro da humanidade. Em seu último ensaio, *A Via*<sup>16</sup>, Edgar Morin problematizou essa potencia criadora, essa atitude ética e estética das criações humanas capaz de se contrapor ao mal-estar crescente na civilização diagnosticado por Sigmund Freud em 1930.<sup>17</sup>

Formas de luta contra um adversário comum e, de certa forma, exorcização da culpa e desejo de felicidade, as políticas de humanidade visam a regeneração, requerem o redimensionamento da democracia, da justiça, a superação da pobreza, das desigualdades, da mercantilização generalizada do humano. A elas, agregam-se as reformas do pensamento, da educação, da sociedade, da vida. *A Via* é uma espécie de enciclopédia inacabada a ser completada por conjuntos de pensadores afinados com o pensamento complexo, sempre empenhado em reunir o disperso. As reformas são interdependentes e portadoras de esperança. Esperança, afirma Morin, “não é sinônimo de ilusão. A esperança sabe que a salvação implicada na metamorfose, mesmo improvável, não é impossível.”<sup>18</sup>

---

<sup>14</sup> Ítalo Calvino. *As cidades invisíveis*; tradução Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 141.

<sup>15</sup> Terry Eagleton. *O problema dos desconhecidos, um estudo da ética*; tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, p.403.

<sup>16</sup> Edgar Morin. *La Voie. Pour l'avenir de l'humanité*. Paris, Fayard, 2011.

<sup>17</sup> Sigmund Freud. *O mal-estar na civilização*. (1930). Em *Obras completas*, volume 18; tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, pp. 13/122.

<sup>18</sup> Edgar Morin. *La Voie*, op. cit., p. 300.

Trata-se, em síntese, de revalorizar a vida para que o abismo não se concretize. “Na pior das hipóteses, tudo poderia recomeçar para os sobreviventes, curados quem sabe das ignorâncias e das incompreensões.”<sup>19</sup> Em *O Incandescente*, Michel Serres definiu essa pulsão de vida de maneira luminosa e é com ela que finalizo esta reflexão: A vida, afirma Serres<sup>20</sup>, é “a associação entre um banco universal de tempos e suas diversas reversibilidades que consomem a invisível moeda que ela representa.”

A vida é breve e a eternidade frágil. Culturas não são apenas feitas de padrões e nem se reduzem a fábricas da ordem. Culturas são mosaicos de tempo-espaço empenhados na preservação da memória cultural oriunda da Grande Narrativa. Somos seres vivos portadores de valência zero, poeiras de estrelas e, simultaneamente, pluripotentes, criadores de infindáveis potencialidades, sempre prontas a emergir quando e de onde menos se espera.

---

<sup>19</sup> Edgar Morin. *La Voie*, op. cit., p. 306.

<sup>20</sup> Michel Serres. *O incandescente*; tradução Edgard de Assis Carvalho, Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, p.299.